



Prodigalidade

Debate Estado e sociedade José Miguel Pinto dos Santos

Todos conhecemos pessoas bondosas que fazem o possível e o impossível para ajudar um seu semelhante que se encontre num aperto. São fonte de alegria e de inspiração para quem as vê. No entanto, o equilíbrio entre bondade e bom senso não é fácil. Existem também pessoas que, pela sua habitual prodigalidade, se mostram incapazes de gerir convenientemente o seu património. Embora a sua boa vontade seja inegável, causam frequentemente mais mal do que bem pela sua desordem, e tornam-se vítimas de vigaristas e causa de angústia e desentendimento nas suas famílias.

Temos a bênção de viver num país em que o Estado é benévolo. Embora não seja perfeito, procura seriamente respeitar as liberdades e garantias dos seus cidadãos, age dentro dos limites da lei, rege-se por princípios democráticos, e procura ativamente o bem-estar das suas populações e a paz e a prosperidade no mundo. Muitos milhões sofreram e morreram ao longo da história às mãos de Estados déspotas e malévolos.

Bastaram quatro anos de engenharia social orientada pelo Partido Comunista do Kampuchea para metade da população do Camboja perecer por fome e maus tratos. Foram suficientes os cinco anos de “desenvolvimento económico” do Segundo Plano Quinquenal, o “Grande Salto em Frente”, dirigido pelo Partido Comunista Chinês, para cerca de quarenta milhões de chineses morrerem de fome e muitos outros por maus tratos. Não nos coube esta sorte e nunca será demais considerar com gratidão a nossa boa fortuna.

Se a benignidade do Estado português é causa de alegria, indícios de prodigalidade são no entanto preocupantes. Se uma pessoa pródiga destrói o património de uma família, um Estado pródigo destrói o futuro de um povo. E como se deteta a prodigalidade? A *Ética a Nicómaco* é clara: “Em relação ao dinheiro que se dá e recebe, o meio termo é a liberalidade, e o excesso e a falta são respetivamente a prodigalidade e a avareza. Nestas ações as pessoas excedem-se ou são deficientes de maneiras opostas; o pródigo excede-se em gastos e é deficiente em relação aos ganhos, enquanto o avarento excede-se em ganhar e é deficiente em relação aos gastos.” Na sua bondade desordenada, o Estado tem distribuído, ano após ano, mais do que tem em rendimento. Dá-nos educação, saúde e segurança. Mas também é vítima de vigaristas que não pagam os impostos, que lhe sugam dinheiro em subsídios e negociatas, e que lhe impõem os prejuízos dos seus negócios privados. Para que não se suspeite que é pródigo, mas apenas liberal, o Estado tem antes de mais de mostrar que não se deixa enganar e que administra o seu rendimento com rigor. Senão arrisca-se a ser judicialmente declarado inabilitado e passar a ser assistido por um curador, a cuja autorização estão sujeitos os seus atos.

Professor de Finanças, [AESE](#)



Equilibrar
bondade e
bom senso
não é fácil

